

## MISSÃO: UM PROBLEMA DE DEFINIÇÃO

*Keith Ferdinando\**

### RESUMO

O termo missão ganhou uma abrangência tão grande a ponto de não podermos mais definir exatamente o seu significado. O principal missiólogo protestante, David Bosch, afirma ser impossível uma exegese bíblica que nos ajude em tal tarefa, permanecendo ela indefinível. Pelo menos quatro definições mais comuns podem ser encontradas, cada uma variando em escopo e abrangência. (1) *Missio Dei*: tudo o que Deus faz no mundo é missão; (2) Mandato cultural: tudo que Deus faz no mundo por meio de sua igreja; (3) Ação social: evangelização e cuidado das necessidades gerais lado a lado; (4) Fazer discípulos de todas as nações.<sup>1</sup>

### PALAVRAS-CHAVE

Missão; David Bosch; Stephen Neill; Movimento de Lausanne; Missão integral.

### 1. O QUE QUER QUE QUEIRAMOS QUE SIGNIFIQUE?

Já deve ser questionável se a palavra “missão” retém algum valor residual para a Missiologia. A abordagem “Humpty Dumpty” à linguagem – “Quando eu uso uma palavra, ela significa exatamente o que eu quero que signifique, nem mais nem menos”<sup>2</sup> – talvez reflita o diagnóstico de seu criador de que

---

\* Professor e diretor da Faculté de Théologie Evangélique au Rwanda e consultor de educação teológica da Africa Inland Mission International. Anteriormente foi professor de Missiologia na London School of Theology no Reino Unido, e antes disso serviu por muitos anos na educação teológica na República Democrática do Congo (Zaire). É autor de *The Triumph of Christ in African Perspective: A Study of Demonology and Redemption in the African Context* (Carlisle: Paternoster, 1999).

<sup>1</sup> Este artigo foi originalmente publicado como: “Mission: A Problem of Definition”. *Themelios* 33, n. 1 (2008): 46-59. Tradução: Camon Teixeira Tomé.

<sup>2</sup> CARROLL, Lewis. *Through the Looking Glass and What Alice Found There*. Roger Lancelyn Green (Ed.). Oxford: Oxford University Press, 1971, p. 190. Citado também por John Stott em sua

uma doença degenerativa aflige algumas palavras, uma espécie de inflação ou entropia linguística. Se assim for, essa condição patológica parece ter infectado o termo “missão”, e possivelmente com efeito terminal. As frases iniciais de *Missão Transformadora*, de Bosch, apontam nessa direção: “Desde a década de 1950, tem havido uma notável escalada no uso da palavra ‘missão’ entre os cristãos. Isso ocorreu de mãos dadas com um significativo alargamento do conceito, pelo menos em certos círculos”.<sup>3</sup> Se as palavras são definidas pelo seu uso, então a variedade e amplitude com que “missão” é usada sugerem que a profecia de Neill pode ter se cumprido: “Se tudo é missão, nada é missão”.<sup>4</sup>

No entanto, talvez a ambiguidade no significado de “missão” não importe tanto. O que é importante não é uma definição precisa do termo, mas uma reflexão informada e bíblica sobre as várias dimensões da atividade e do ministério cristão a que ela poderia se referir. A substância é muito mais importante do que as palavras usadas para representá-la. No entanto, ainda é importante que a confusão sobre o significado das palavras seja susceptível de produzir incerteza sobre essas questões de sua substância também. Nesse caso, há um acordo sobre a importância central da missão, seja ela qual for, e a obrigação de colocá-la debaixo da responsabilidade de igrejas e cristãos individuais. Para citar a conhecida observação de Brunner: “A igreja existe para a missão como um fogo existe para queimar. Onde não há missão, não há igreja”.<sup>5</sup> No entanto, é problemático chamar as pessoas para se engajarem em missão quando o significado desse engajamento permanece evasivo. Da mesma forma, se a Missiologia é um ramo do estudo teológico, a definição do campo do conhecimento com o qual ela deve se preocupar é essencial para seus praticantes, mas na realidade “a busca de uma definição consensual de Missiologia permanece ilusória”.<sup>6</sup>

O dilema pode surgir em parte porque o substantivo, “missão”, não é bíblico, o que o torna difícil de definir por fundamentos exegéticos. Isto não é necessariamente um problema: encarnação e Trindade também não são palavras bíblicas, mas há um amplo consenso em relação aos seus respectivos campos de

---

discussão de missão em *Christian Mission in the Modern World* (London: Falcon, 1975), p. 12-13. Humpty Dumpty é uma expressão comum na Inglaterra aplicada às pessoas baixinhas e gordinhas. Ele também é um dos personagens mais conhecidos de *Alice Através do Espelho*, um ser imaginário em formato de ovo que se diz especialista em linguagem, mas que usa as palavras para significarem o que ele quer.

<sup>3</sup> BOSCH, David. *Transforming Mission: Paradigm Shifts in Theology of Mission*. Maryknoll: Orbis, 1991, p. 1.

<sup>4</sup> NEILL, Stephen. *Creative Tension: The Duff Lectures, 1958*. London: Edinburgh House Press, 1959, p. 81.

<sup>5</sup> BRUNNER, Emil. *The Word and the World*. London: SCM, 1931, p. 108.

<sup>6</sup> J. A. Scherer, citado por RAITER, Michael, “‘Sent for this purpose’: ‘Mission’ and ‘Missiology’ and Their Search for Meaning”, em: GIBSON, R. J. *Ripe for Harvest: Christian Mission in the New Testament and in our World*. Carlisle: Paternoster, 2000, p. 138.

significado. No caso da missão, no entanto, se alguma vez houve tal consenso, foi em grande parte diluído. É claro que o substantivo tem suas raízes na noção de envio e deriva particularmente do uso do verbo grego ἀποστέλλω por meio do latim *mitto*. Ao longo dos últimos séculos, portanto, tem sido entendido como referindo-se ao envio da igreja ao mundo para fazer discípulos de Jesus Cristo – a dimensão humana da missão do Deus trino. E certamente pode-se argumentar que o significado de “missão” deve ser determinado analisando o uso neotestamentário dos verbos ἀποστέλλω e πέμπω.<sup>7</sup> No entanto, enquanto tal abordagem, se aceita, pode restaurar a precisão, na prática o significado de uma palavra é determinado pelo seu uso, em vez de sua origem, e no caso de “missão” o uso contemporâneo tem ido além de tais origens exegéticas com as quais poderia ter se associado outrora com um determinado conteúdo bíblico.

Vários fatores têm produzido a presente ambiguidade. Primeiro, tem havido o reconhecimento de que a comunicação do evangelho não é a única coisa que os cristãos são enviados ao mundo para fazer. Entre os evangélicos, há um reconhecimento renovado das implicações da doutrina da criação, incluindo o mandato cultural, juntamente com a consciência reavivada do significado das questões sociais e econômicas para o discipulado cristão. Em segundo lugar, abordagens cada vez mais difundidas de orientação pluralista e inclusivista quanto às religiões não-cristãs implicam que o evangelismo não é uma função necessária, talvez nem mesmo desejável, da igreja. Assim, o foco da missão está localizado em outro lugar, no cuidado físico do sofrimento, por exemplo. McCahill é representante dessa postura: “Como minha fé ensina, também eu acredito: os muçulmanos não estão perdidos; eles têm a mesma chance que os cristãos de serem salvos por sua bondade de vida e preocupação com os outros. Procuro o fisicamente perdido”.<sup>8</sup> Um terceiro fator é que está aumentando o uso secular do termo, como em “declarações de missão organizacionais”. Tal uso impacta o significado da palavra no discurso geral, e assim também na teologia, onde é provável que seja usado de maneiras menos específicas do que anteriormente. Finalmente, tem sido altamente significativo nos últimos anos o impacto da notável obra do missiólogo David Bosch, *Missão Transformadora*.

## 2. DAVID BOSCH

*Missão Transformadora* é um trabalho acadêmico extremamente importante. No entanto, o argumento subjacente tende à incredulidade sobre a possibilidade de um consenso quanto ao significado da palavra e do conceito de missão. Isto está explícito no início do livro: “Em última análise, missão permanece indefinível... O máximo que podemos esperar é formular algumas

<sup>7</sup> Que é a abordagem adotada por Raiter, “Enviado para este propósito”.

<sup>8</sup> MCCAILL, Bob. *Dialogue of Life*. Maryknoll: Orbis, 1996, p. 96.

aproximações do que é missão”.<sup>9</sup> Assim, em primeiro lugar, ele argumenta que a própria Bíblia não oferece uma única teologia de missões, mas várias, e Bosch distingue as abordagens de Jesus, Mateus, Lucas-Atos e Paulo. Consequentemente, ele sugere que é impossível construir uma única teologia bíblica de missão para fundamentar a prática contemporânea.

Em segundo lugar, enfatizando a distância histórica e cultural entre a era atual e a do Novo Testamento, Bosch argumenta que, mesmo que uma única teologia bíblica de missão pudesse ser identificada, nós ainda não poderíamos aplicar o que estava acontecendo naquele momento à nossa situação atual. Em vez disso, devemos “estender a lógica do ministério de Jesus e da igreja primitiva de uma forma imaginativa e criativa para o nosso próprio tempo e contexto”,<sup>10</sup> e ele implica que isso é o que sempre aconteceu. Tal fato leva ao coração de seu argumento, no qual ele se baseia na tese de Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Bosch sugere que as abordagens à missão têm variado de uma época para outra refletindo a mudança da situação da igreja e da visão de mundo prevaiente. Assim, em momentos críticos, houve mudanças de paradigmas elementares na prática da missão, e Bosch identifica seis paradigmas distintos, o mais recente dos quais – “Missão na esteira do Iluminismo” – está terminando. Ele sugere que agora enfrentamos outra mudança de paradigma e discute treze “Elementos de um Paradigma Missionário Ecumênico Emergente”.<sup>11</sup>

A abordagem de Bosch tem sido profundamente influente, mas se move em direção a um conceito relativista e subjetivista da missão. Isto se deve essencialmente ao seu pessimismo sobre a possibilidade de uma teologia bíblica unificada de missão. No entanto, embora a diversidade do testemunho bíblico não possa ser contestada, isto não precisa implicar em ceticismo sobre a unidade básica desse testemunho, quer com respeito à missão ou qualquer outra coisa. Pode-se argumentar que a Bíblia oferece um quadro fundamentalmente coerente da missão de um Deus que, desde a primeira desobediência de Adão, busca a humanidade rebelde para redimir um povo, propósito este cuja realização é retratada na visão de João – “grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro” (Ap 7.9). Essa missão ele agora realiza por meio de sua igreja à medida que ela faz discípulos de Jesus Cristo.

Além disso, a abordagem hermenêutica de Bosch permite grande latitude para o intérprete humano ao estender “a lógica do ministério de Jesus e da

<sup>9</sup> BOSCH, *Transforming Mission*, p. 9.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 181.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 367.

igreja primitiva”.<sup>12</sup> Essa hermenêutica em conjunto com a ênfase na diversidade bíblica corre o risco de afastar a missão de qualquer controle pelo texto bíblico e entregá-la à criatividade dos intérpretes. Assim, Bosch caminha para um endosso dos vários paradigmas que ele identifica, cada um deles uma expressão adequada de missão para o seu tempo. Sua tese torna difícil fazer uma crítica bíblica ou teológica coerente sobre ela mesma. É preciso admitir que ele procura manter uma forte ênfase na centralidade de Cristo e da cruz: “A *missio Dei* purifica a igreja. Coloca-a debaixo da cruz, o único lugar onde está segura”.<sup>13</sup> No entanto, a missão corre o risco de se tornar o que a igreja em qualquer período histórico entendeu que era. Portanto, a tese de Bosch fornece uma justificação teórica para a perda de consenso com referência à “missão”; na verdade, ele faz isto em virtude da ambiguidade, para que a missão se torne um termo que está constantemente buscando um significado. “A missão nunca é algo autoevidente, e em nenhum lugar, nem na prática da missão, nem mesmo em nossas melhores reflexões teológicas sobre missão, conseguimos remover todas as confusões, mal-entendidos, enigmas e tentações dela”.<sup>14</sup>

### 3. QUATRO ABORDAGENS

Sob o risco de enorme simplificação, quatro principais entendimentos contemporâneos de missão podem ser identificados. Eles podem ser visualizados como círculos concêntricos que vão desde abordagens amplas e abrangentes, até aquelas que são cada vez mais estreitas em sua definição.

#### 3.1 *A missio Dei*

A abordagem mais ampla de todas é aquela às vezes identificada como *missio Dei*. Em seu sentido literal, a expressão latina simplesmente chama a atenção para o fato de que toda missão cristã é de Deus: só ele inicia, capacita, dirige e abençoa toda verdadeira missão. Assim, na medida em que os seres humanos se engajam em missão, eles o fazem como cooperadores de Deus, como está explícito na recomendação de Paulo a Timóteo: “... enviamos nosso irmão Timóteo, ministro de Deus no evangelho de Cristo, para, em benefício da vossa fé, confirmar-vos e exortar-vos” (1Ts 3.2).

No entanto, como é usado no debate missiológico contemporâneo, o termo significa mais do que isso, identificando missão como tudo o que Deus quer fazer no mundo, seja através da igreja ou fora dela. Isto, por sua vez, implica que os não-cristãos podem estar positivamente envolvidos na missão de Deus mesmo sem conhecê-la. Eles podem, por exemplo, inconscientemente avançar

<sup>12</sup> Ibid., p. 181.

<sup>13</sup> Ibid., p. 519.

<sup>14</sup> BOSCH, David. *Witness to the World: The Christian Mission in Theological Perspective*. London: Marshall, Morgan & Scott, 1980, p. 9.

os propósitos da missão no mundo por meio do esforço motivado por considerações puramente humanistas. E isto implica em uma potencial marginalização do papel da igreja, que não é mais o único veículo humano da *missio Dei*. Abordagens deste tipo são expressas de maneiras diferentes. Uma delas é a ideia de que o reino de Deus avança por meio de pessoas de qualquer religião ou não em uma busca por fazer o bem no mundo. Assim, a busca da justiça, a promoção da dignidade humana, a reconciliação de grupos hostis, o cuidado do meio ambiente, tudo reflete a vontade de Deus para a sua criação e assim todos fazem parte da sua missão, sejam quais forem os agentes. Tal abordagem ficou evidente na 9ª Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, em Uppsala, em 1968, com sua tendência para identificar movimentos sociais revolucionários como a obra de Deus no mundo, e para “deixar o mundo definir a agenda”. Ela é vista de forma semelhante na teologia da libertação, com a rejeição de uma dicotomia da história entre “sagrado” e “profano”: “O destino histórico da humanidade deve ser colocado definitivamente no horizonte salvífico”.<sup>15</sup> De uma perspectiva evangélica, Sugden argumentou que devemos ver “Deus trabalhando na sociedade além da igreja, aplicando os efeitos da vitória de Cristo na cruz por meio da mudança social”.<sup>16</sup> Uma abordagem contrastante, mas essencialmente similar, enfatiza a missão do Espírito dentro da criação e não apenas dentro e por meio da igreja, talvez independentemente do próprio Cristo. Tal visão encontrou expressão na reunião de Camberra, em 1991, do Conselho Mundial de Igrejas – “Vem, Espírito Santo – Renova toda a Criação” – e na encíclica *Gaudium et Spes*:

Esta ordem social requer uma melhoria constante. Deve fundar-se na verdade, edificada sobre a justiça e animada pelo amor; na liberdade deve crescer cada dia para um equilíbrio mais humano. Para que estes objetivos possam ser alcançados, será necessário melhorar as atitudes e introduzir mudanças abundantes na sociedade.

O Espírito de Deus, que com uma maravilhosa providência dirige o desenrolar do tempo e renova a face da terra, não está ausente deste desenvolvimento.<sup>17</sup>

Pensar em missão em tais termos tende para uma fusão de categorias tradicionalmente distintas umas das outras. A crença na humanidade como criada na *imago Dei* e na noção da graça comum forneceu no passado base suficiente para afirmar que Deus está ativo fora da igreja, dentro das estruturas e organização da sociedade humana, por exemplo, a fim de preservá-las da decadência, para

<sup>15</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Theology of Liberation*. London: SCM, 1974, p. 153.

<sup>16</sup> Chris Sugden citado por TINKER, Melvin. “Reversal or Betrayal? Evangelicals and Socio-political Involvement in the Twentieth Century”. *The Churchman* 113.3 (1999): 266-267.

<sup>17</sup> “Pastoral Constitution on the Church in the Modern World,” *Gaudium et Spes* (1965), cap. 2, seção 26.

promover a justiça e a ordem, e assim facilitar a missão discipuladora da Igreja (cf. 1Tm 2.2). Tudo isto reflete o governo providencial de Deus na história, mas é muito diferente do tipo de missão apostólica descrita em Atos dos Apóstolos, cujo objetivo consiste em chamar homens e mulheres a se tornarem discípulos de Jesus e membros do povo de Deus. Sendo claro que o significado de uma palavra é definido pelo seu uso, e que as palavras mudam de sentido ao longo do tempo, a palavra missão pode realmente ser empregada para denotar essa área muito mais ampla da atividade de Deus. No entanto, isso significaria no mínimo uma expansão drástica do significado de missão e uma conseqüente perda da precisão terminológica. Assim, remontando a Neill, se tudo o que Deus faz no mundo é realmente missão, uma nova terminologia é necessária para categorizar sua atividade especificamente redentora – pressupondo que seja mantida a noção de redenção.

É neste ponto que emergem as conseqüências mais graves da noção de *missio Dei*, quando a atividade de Deus na realização da sociedade justa pode ser equiparada à redenção e ao estabelecimento de seu reino. A questão não é, então, simplesmente de terminologia cada vez mais solta, mas de mudança fundamental nos conceitos de salvação e do reino de Deus. No entanto, isso envolve uma compreensão do reino de Deus substancialmente diferente daquela que Jesus proclamou. Para ele, o reino não foi principalmente a reconstrução das sociedades humanas dentro da história, mas a intervenção soberana de Deus para salvar e julgar, reconciliar os pecadores e criar uma nova comunidade: “É a ideia abstrata de Deus ser rei, sua soberania, seu controle de seu mundo e seus assuntos... Podemos buscá-lo, orar por ele, pregá-lo, entrar nele, mas os homens não o criam ou o alcançam por si mesmos”.<sup>18</sup> Assim, “a salvação não existe na história além da igreja e... o reino de Deus vem somente quando Cristo é reconhecido como rei”.<sup>19</sup> De fato, há uma distinção entre história e história da salvação, entre mundo e igreja, entre o governo providencial de Deus sobre a terra e sua intervenção redentora dentro dela. A noção de *missio Dei* como usada por alguns dissolve essas distinções fundamentais, e assim não só se perde uma palavra, mas também o próprio caráter distintivo da obra de Deus em Cristo.

### 3.2 O mandato cultural

Uma segunda abordagem define a missão de forma mais estreita: “A missão da Igreja, então, engloba tudo o que Jesus envia seu povo ao mundo para

<sup>18</sup> FRANCE, R. T. “The Church and the Kingdom of God: Some Hermeneutical Issues.” In: CARSON D. A. (Ed.). *Biblical Interpretation and the Church: The Problem of Contextualization*. Nashville: Nelson, 1984, p. 32, 41.

<sup>19</sup> CHESTER, Tim. *Good News to the Poor: Sharing the Gospel through Social Involvement*. Leicester: IVP, 2004, p. 74.



fazer”.<sup>20</sup> Em contraste com a primeira abordagem, a missão aqui é entendida mais restritivamente como a ação da igreja no mundo, em vez de tudo o que Deus faz no mundo: “Pois Deus, o Criador, está constantemente ativo em seu mundo na providência, na graça comum e no juízo, muito além dos propósitos para os quais ele enviou seu Filho, seu Espírito e sua igreja ao mundo”.<sup>21</sup> No entanto, isso ainda é muito abrangente e pode chegar perto de igualar a missão com o que tradicionalmente tem sido chamado de “mandato cultural”, que está enraizado nas palavras de Deus em Gênesis 1.26-28:

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.

Significativa é a ideia de que os seres humanos são enviados ao mundo para preenchê-lo e governá-lo como a imagem de Deus, exercendo autoridade sobre seu reino. “Homens e mulheres imitam Deus em seu trabalho de aproveitar os poderes da ordem criada, servindo suas criaturas, e permitindo que a terra floresça”.<sup>22</sup> Assim, há uma certa noção de “missão” – “sua missão no planeta”<sup>23</sup> – que se assemelha à comissão de Cristo a seus discípulos: em Gênesis os seres humanos são enviados para governar sobre a terra e no Novo Testamento seres humanos renovados são enviados para fazer discípulos de seus habitantes. Nesse sentido, pode-se argumentar com Bosch que “a tarefa missionária é tão coerente, ampla e profunda quanto a necessidade e as exigências da vida humana”.<sup>24</sup>

Entre os evangélicos, um fator principal que impulsiona essa compreensão da missão tem sido uma reação justificada contra uma abordagem dualista e muito influente ao discipulado que tende a depreciar o reino “secular”. Em oposição a isso, tem havido uma recuperação da visão reformada de glorificar a Deus em todos os “chamados” legítimos, e não apenas em papéis supostamente “espirituais”. Tal abordagem está enraizada em uma afirmação do senhorio

<sup>20</sup> KIRK, Andrew. “Missiology”. In: Sinclair Ferguson and David Wright (Eds.). *New Dictionary of Theology*. Leicester: IVP, 1988, p. 434.

<sup>21</sup> STOTT, *Christian Mission*, p. 30.

<sup>22</sup> PESKETT, Howard; RAMACHANDRA, Vinoth. *The Message of Mission*. Leicester: IVP, 2003, p. 45.

<sup>23</sup> WRIGHT, Christopher J. H. *Truth with a Mission: Reading Scripture Missiologically*. Cambridge: Grove Books, 2005, p. 12.

<sup>24</sup> BOSCH, *Transforming Mission*, p. 10.



de Cristo sobre toda a criação e significa que qualquer noção de uma divisão do trabalho em categorias “seculares” e “espirituais” deve ser abandonada, uma vez que todo trabalho pode ser realizado para a glória de Deus. Esta era a visão de Paulo: “Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31), e é expressa na poesia de George Herbert: “Quem varre uma sala por causa da Sua lei faz com que a ação seja boa”.<sup>25</sup>

É, no entanto, um caminho recente definir esse compromisso com o mundo como missão. Como exemplo, Kirk vê a missão não apenas em termos da proclamação de boas novas, mas também da busca da justiça para os pobres, da paz e do cuidado com o meio ambiente, refletindo o mandato cultural.<sup>26</sup> A implicação deve ser que a missão abrangeria todas as áreas da vida humana e do trabalho, todos os domínios em que o povo de Deus vive para a glória de seu Criador, exercendo conscientemente mordomia sobre sua criação, o que inclui comércio e governo, indústria e agricultura, serviços e educação, sem exclusão de qualquer esfera legítima. Isto, por sua vez, significa que a Missiologia como uma disciplina teológica vai abraçar a vida cristã em toda a sua extensão como ela é vivida dentro do mundo que Deus fez.

Tal compreensão da missão sofre dos problemas terminológicos da primeira abordagem, se não de sua fraqueza teológica. Uma ênfase renovada em servir a Deus em toda a vida é totalmente desejável, uma correção vital para formas de espiritualidade que perderam de vista a doutrina da criação e suas implicações para o discipulado. No entanto, o alargamento do significado do termo “missão” ainda implica em uma perda de precisão verbal e não consegue garantir os ganhos teológicos que estão sendo buscados. Séculos antes de missão ser usada com esse sentido abrangente, os reformadores protestantes reagiram contra abordagens dualistas semelhantes a fé cristã e vida, expressas em noções medievais de igreja e sacerdócio, e insistiram no sacerdócio de todos os crentes e na legitimidade das vocações “seculares”.

Um sapateiro, um ferreiro, um fazendeiro, cada um tem o trabalho e o ofício de comércio, e ainda assim são todos sacerdotes consagrados e bispos, e cada um, por meio de seu próprio trabalho e ofício deve beneficiar e servir todos os outros, e, desta forma, muitos tipos de serviços podem ser realizados para o bem-estar físico e espiritual da comunidade, quando todos os membros do corpo servem uns aos outros.<sup>27</sup>

<sup>25</sup> George Herbert (1593-1633), “The Elixir”.

<sup>26</sup> KIRK, Andrew. *What is Mission?* London: Darton, Longman and Todd, 1999.

<sup>27</sup> Martinho Lutero, citado por HELM, Paul. *The Callings*. Edinburgh: Banner of Truth, 1987, p. 57-58.

O que está acontecendo, então, é uma inflação do conceito de missão e, em consequência, da disciplina da Missiologia. De fato, esta última corre o risco de absorver grande parte da agenda teológica de forma bastante totalitária.

### 3.3 Ação social

Uma terceira abordagem limita a agenda missiológica de modo ainda mais estreito ao que se chama de “ação social”, junto com a proclamação e a criação de discípulos. Alguns podem argumentar que há pouca distinção aqui, mas, como a expressão é usada, “ação social” tem uma bússola mais estreita do que “tudo” que Deus envia seu povo para fazer. Embora a ação social raramente tenha uma definição precisa, ela se refere ao alívio do sofrimento humano e à eliminação da injustiça, da exploração e da privação. É, portanto, especificamente corretiva e transformadora, de uma forma não necessariamente correspondente a tudo o que os cristãos fazem para glorificar a Deus em seu mundo. Esta ação teve, invariavelmente, lugar na atividade missionária ao longo dos séculos, e está implícita no pedido dirigido por Tiago, Pedro e João a Paulo: “... recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer” (Gl 2.10). Stott cita Pierce Beaver, que se refere à “ação social” na qual se envolveram missionários de gerações anteriores:

A ação social na missão pode ser rastreada desde o tempo dos apóstolos. A preocupação nunca se limitou ao alívio. O missionário itinerante levava consigo um saco de remédios, sementes e plantas novas ou melhores e gado melhorado. Nevius introduziu a indústria moderna de pomares em Shantung. Os missionários de Basileia revolucionaram a economia de Gana introduzindo café e cacau cultivados por famílias em suas próprias terras. James McKean transformou a vida do norte da Tailândia, eliminando suas três maiores maldições: varíola, malária e lepra... Lutaram ferozmente pelos direitos humanos na luta contra o ópio, a pedofilia e a exposição de bebês na China. Eles travaram guerra contra a queima de viúvas, infanticídio e prostituição nos templos na Índia.<sup>28</sup>

No entanto, a questão é até que ponto a ação social é uma dimensão necessária e integral da missão. No início do século XX, vários fatores produziram um recuo do engajamento social que caracterizou o evangelicalismo ao longo do século XIX, inclusive reações evangélicas contra o liberalismo e o “evangelho social”, e um profundo pessimismo gerado pela carnificina da Primeira Guerra Mundial e pela teologia dispensacionalista. O final do século XX, no entanto, viu uma consciência renovada da dimensão social do discipulado, como expresso na Declaração de Wheaton (1966), que exortou: “Todos os evangélicos devem defender aberta e firmemente a igualdade racial,

<sup>28</sup> R. Pierce Beaver, citado por STOTT, John. *New Issues Facing Christians Today*. London: Marshall Pickering, 1999, p. 7.

a liberdade humana e todas as formas de justiça social em todo o mundo”.<sup>29</sup> Alguns anos depois, a expressão de arrependimento pela negligência no “envolvimento sócio-político”, contida no Pacto de Lausanne, foi um momento crítico no pensamento evangélico sobre o assunto – “um ano divisor de águas no interesse dos evangélicos ocidentais por preocupações sociais”.<sup>30</sup>

Também aqui expressamos arrependimento por nossa negligência e por termos considerado o evangelismo e a preocupação social como mutuamente excludentes. Embora a reconciliação com o homem não seja reconciliação com Deus, nem a ação social evangelismo, nem a libertação política salvação, no entanto, afirmamos que o evangelismo e o envolvimento sociopolítico são ambos parte do nosso dever cristão.<sup>31</sup>

Os principais fatores contributivos foram uma maior consciência da injustiça e da dor humana graças aos meios de comunicação, o desafio de análises radicais da pobreza por teólogos da libertação e a crítica da Missiologia evangélica ocidental por alguns pensadores do Terceiro Mundo, especialmente Escobar e Padilla, ambos os quais contribuíram fortemente em Lausanne. Em consequência, houve séria reflexão sobre a relação que deveria existir entre ação social e missão.

Há inúmeras abordagens à questão.<sup>32</sup> O que está particularmente em foco aqui é o ponto de vista que entende a ação social como um parceiro necessário na missão ao lado da formação de discípulos, sendo ambos componentes necessários de uma abordagem “holística”. Assim, o evangelismo e a ação social têm sido representados como equivalentes às duas lâminas de uma tesoura ou as duas asas de um pássaro.<sup>33</sup> Stott tem sido associado a essa abordagem, à qual ele se refere em *The Contemporary Christian*<sup>34</sup> e em outros lugares, argumentando que “a própria comissão deve ser entendida para incluir responsabilidade social, bem como evangelística”.<sup>35</sup> Para apoiar esta abordagem ele atribui muito peso à forma joanina da grande comissão – “a forma crucial em

<sup>29</sup> *Study Papers: Congress on the Church's Worldwide Mission, April 9–16, 1966, Wheaton, Illinois*. Glen Ellyn, IL: Scripture Press Foundation, 1966, p. 24.

<sup>30</sup> Edward R. Dayton, citado por DORAN, David M. “The Task of the Great Commission: The Method of Discipleship”. *Detroit Baptist Seminary Journal* 6 (2001): 6.

<sup>31</sup> Lausanne Committee for World Evangelism, *The Lausanne Covenant*, “Paragraph 5: Christian Social Responsibility”.

<sup>32</sup> Cf. A. MOREAU, Scott. “Mission and Missions.” In: MOREAU, A. Scott (Ed.). *Evangelical Dictionary of World Missions*. Grand Rapids: Baker; Carlisle: Paternoster, 2000, p. 637-638.

<sup>33</sup> Lausanne Committee for World Evangelism, *Evangelism and Social Responsibility: An Evangelical Commitment*. Exeter: Paternoster, 1982, p. 23.

<sup>34</sup> STOTT, John. *The Contemporary Christian*. Leicester: IVP, 1992, p. 340.

<sup>35</sup> STOTT, *Christian Mission*, p. 23.

que a Grande Comissão foi transmitida a nós: ‘Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio’ (Jo 20.21)”.<sup>36</sup> Assim, se os crentes são enviados como Jesus foi, isso deve implicar em fazer tudo o que ele foi enviado para fazer: não há “paralelo vago” entre os dois, mas a missão de Jesus é “o modelo da nossa”. No entanto, ele também argumenta – um pouco em desacordo com as analogias da tesoura e das asas – que o evangelismo deve manter a primazia: “Acho que devemos concordar com a declaração do Pacto de Lausanne de que [na missão da igreja de serviço sacrificial] o evangelismo é primário”.<sup>37</sup> Nisto ele se distancia daqueles que dão à ação social um lugar de importância igual ao da evangelização: “... às vezes referido como o grupo do discipulado radical ... [ele] considera a justiça social como missão, assim como o evangelismo é, e não dá prioridade a nenhum deles”.<sup>38</sup>

### **3.4 Fazer discípulos de todas as nações**

O mais íntimo dos quatro círculos concêntricos enfatiza o fazer discípulos como o conteúdo essencial e exclusivo da missão. A terminologia também é importante. Em vista de algumas estratégias evangelísticas, ver esta abordagem simplesmente em termos de evangelismo corre o risco de séria distorção, como se o que está em vista é apenas a conquista de conversos, o aliciamento de decisões ou compromissos. O mandato da Grande Comissão é o de fazer discípulos, o que, no contexto, certamente deve indicar algo estreitamente paralelo à prática de Jesus no discipulado dos doze. Da mesma forma, as percepções a respeito da missão paulina às vezes correm o risco de vê-lo como um pregador itinerante que se movia rapidamente de um lugar para outro a fim de fazer convertidos em “missões evangelísticas”, quando na realidade ele permaneceu em certos lugares por longos períodos, sempre que possível, estabelecendo igrejas e discipulando indivíduos, pois seu objetivo era comunicar “todo o conselho de Deus” (At 20.27).

Suas primeiras incursões foram mais frequentemente devidas à perseguição local, que tornavam impossível para ele permanecer, e foram, de qualquer modo, seguidas pelo envio de emissários apostólicos e cartas para incentivar o desenvolvimento contínuo das igrejas. “O fato de que Paulo viveu e trabalhou em Corinto por dois anos e em Éfeso por mais de dois anos prova que o termo ‘viagem’ não oferece um conceito analítico útil para uma descrição da práxis missionária de Paulo”.<sup>39</sup> Por conseguinte, o termo preferido aqui, em vez de evangelismo, seria discipulado, ou fazer discípulos, o que significa o processo

<sup>36</sup> Ibid.

<sup>37</sup> STOTT, *Christian Mission*, p. 35.

<sup>38</sup> MOREAU, “Mission and Missions”, p. 638.

<sup>39</sup> SCHNABEL, Eckhard. *Early Christian Mission*. Vol. 2: Paul and the Early Church. Downers Grove: IVP; Leicester: Apollos, 2004, p. 1445.

não só de levar as pessoas à fé, mas de promover o seu crescimento espiritual em termos do relacionamento com Deus e seu povo, e da obediência em todas as áreas da vida: “ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt 28.19). Tal compreensão da missão tem sido predominante até recentemente, e é o pressuposto do estudo de Schnabel sobre missão no Novo Testamento, que ele identifica como

[...] a atividade de uma comunidade... que está convencida da verdade da fé que afirma, e que trabalha ativamente para ganhar outras pessoas para o conteúdo da fé e para o modo de vida de cuja verdade e necessidade os membros dessa comunidade estão convencidos.<sup>40</sup>

Uma abordagem como esta pode, aliás, ser mal interpretada de outras formas. Em primeiro lugar, não precisa de modo algum implicar em que o engajamento cristão com o mundo em geral (o segundo círculo) e com a preocupação social (o terceiro círculo) não seja válido. Não implica em um retorno à negligência gnóstica do mundo e sua dor. Em vez disso, é compatível com uma vida de discipulado bíblicamente holística para a glória de Deus, buscando sua vontade em toda a vida. Entre outras coisas, incluirá a busca da justiça na distribuição dos frutos da terra e da justiça na ordem da sociedade, bem como o alívio dos desamparados para trazer uma transformação de sua condição. A opressão dos pobres é pecaminosa e a igreja nunca deve ser o bastião de um status quo iníquo ou do “ópio do povo”. Assim, Dewi Hughes justamente enfatizou o imperativo da preocupação cristã com os pobres:

O Deus que se revelou em Jesus deixa muito claro em sua Palavra àqueles que acolhem a sua revelação que a nossa resposta à pobreza é um teste crucial da realidade da nossa fé. É impossível realmente conhecer Jesus e ser indiferente à situação dos pobres.<sup>41</sup>

O objetivo aqui não é negar a importância do compromisso social cristão, mas manter distinções no interesse da clareza, e reservar a palavra missão para o discipulado dos povos. Para aqueles que respondem ao evangelho e são efetivamente discipulados, o engajamento social se torna parte integrante de sua vida e obediência cristã.

Em segundo lugar, distinguir a missão da ação social não significa que os missionários não se envolverão na última. O amor cristão e o discipulado fiel podem exigir enfaticamente que os missionários, precisamente como discípulos,

<sup>40</sup> SCHNABEL, Eckhard. *Early Christian Mission*. Vol. 1: Jesus and the Twelve. Downers Grove: IVP; Leicester: Apollos, 2004, p. 11.

<sup>41</sup> HUGHES, Dewi. *God of the Poor: A Biblical Vision of God's Present Rule*. Carlisle: OM Publishing, 1998, p. 1.

respondam às necessidades humanas e à injustiça onde quer que a encontrem, como qualquer cristão deve fazer. A comunicação verbal do evangelho deve necessariamente ser acompanhada por uma vida que corrobore a mensagem, o que em certas circunstâncias significa “ação social”. Tal abordagem caracterizou aqueles referidos por Pierce Beaver na passagem citada acima, homens e mulheres cujo principal objetivo era a geração de discípulos, mas que responderam às necessidades e sofrimentos que existiam entre aqueles a quem levaram o evangelho.

No entanto, não obstante as disposições acima, a missão no sentido de proclamação e do ganho de discípulos mantém um caráter distintivo e, argumenta-se aqui, está em primeiro lugar na vida da Igreja. A base de tal posição tem sido articulada com frequência. Em primeiro lugar, há uma missão apostólica distintiva a ter lugar em Atos, que é uma expressão de obediência explícita à Grande Comissão. Seu foco está em ganhar as pessoas para a fé e para o modo de vida que a fé produz, e seu método é a proclamação da palavra de Cristo. Também é verdade que Atos retrata os crentes engajados em ação social, cuidando das viúvas, por exemplo, mas isso é uma consequência da missão apostólica e não sua substância: é uma das formas – ainda que uma forma de vital importância – que o discipulado fiel assume entre aqueles que responderam ao evangelho. No entanto, não tem o mesmo lugar que o fazer discípulos propriamente, e isso se relaciona com o fato óbvio de que o engajamento social cristão depende da existência de cristãos, e não haveria nenhum se os discípulos não fossem feitos. Howard Marshall faz esse argumento em sua resenha de *Missão Transformadora*, de Bosch:

Sou um defensor bastante intransigente da prioridade do evangelismo, uma vez que isso é claramente central para o Novo Testamento, e não posso seguir J. Stott em argumentar que a Grande Comissão inclui isso [justiça] bem como evangelismo.... Quando o evangelismo evangélico está em falta, ele limita sua atenção a certos pecados e ignora os outros.<sup>42</sup>

Assim, enquanto Stott enfatiza o significado da forma joanina da Grande Comissão e a entende em termos “encarnacionais” como inclusiva da “ação social”, em seu contexto o texto está explicitamente associado com a mensagem a ser comunicada, uma mensagem de perdão dos pecados, em vez de qualquer tipo de recapitulação das obras únicas e irrepetíveis de Jesus: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio... Recebi o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos”

---

<sup>42</sup> MARSHALL, I. Howard. “Review of David Bosch: Transforming Mission”. EQ 67 (1995): 188-189.



(Jo 20.21-23).<sup>43</sup> A missão dos discípulos está centrada no anúncio do perdão, cuja provisão foi o foco da missão de Jesus. “A missão da comunidade messiânica é estender aos incrédulos o perdão dos pecados tornado possível por meio da obra completa de Jesus”.<sup>44</sup> Assim, a frase inicial da comissão joanina, “assim como o Pai me enviou”, é sobre a continuidade da missão dos discípulos com a de Jesus, e não sobre a sua identidade com a dele: sendo enviados como ele foi, eles devem cumprir sua missão em obediência e dependência do Filho, assim como ele, sendo igualmente enviado pelo Pai, veio para cumprir sua missão em obediência e dependência dele (Jo 4.34; 5.19; 7.16; 8.42 etc.).<sup>45</sup> Assim, para resumir, a forma joanina da Grande Comissão e mesmo, de acordo com Köstenberger, a missiologia joanina como um todo não pode ser lida como o ensino de uma missão de ação social ao lado de proclamação:

A noção da missão dos discípulos como “serviço à humanidade” fundada no modelo da missão de Jesus parece, contrariamente às afirmações de Stott, ser incompatível com o ensinamento do Quarto Evangelho sobre a missão. O foco no serviço humano e na necessidade humana, embora muitas vezes característico da prática missionária contemporânea, não é apresentado no Quarto Evangelho como o propósito principal da missão de Jesus ou dos discípulos.<sup>46</sup>

Em segundo lugar, se os homens estão alienados de Deus e enfrentam o julgamento eterno, então a comunicação da mensagem de reconciliação deve ter precedência sobre a ação social. Mais uma vez, isso não é negar a necessidade de engajamento social. No entanto, o impulso do Novo Testamento é que as realidades eternas têm significado incomensuravelmente maior do que as temporais. Podemos alimentar os famintos, curar os doentes, libertar os oprimidos, mas se eles permanecem alienados de Deus, então o seu ganho é relativamente pequeno, pois a realidade eterna tem um significado que ultrapassa infinitamente as circunstâncias do presente (cf. 2Co 4.17). Chester apresenta o mesmo argumento no contexto de uma obra em que ele argumenta vigorosamente em prol do envolvimento social cristão: “A maior necessidade dos pobres, como é para todas as pessoas, é reconciliar-se com Deus e escapar

<sup>43</sup> Ver a discussão em: KÖSTENBERGER, Andreas J. *The Missions of Jesus and the Disciples According to the Fourth Gospel: With Implications for the Fourth Gospel's Purpose and the Mission of the Contemporary Church*.

<sup>44</sup> KÖSTENBERGER, Andreas J. “The Challenge of a Systematized Biblical Theology of Mission: Missiological Insights from the Gospel of John”. *Missiology* 23 (1995): 449, citado por Raiter, ““Sent for this purpose””, p. 118.

<sup>45</sup> Ver KÖSTENBERGER, Andreas J.; O'BRIEN, Peter T. *Salvation to the Ends of the Earth: A Biblical Theology of Mission*. Leicester: Apollos; Downers Grove: IVP, 2001, p. 221-222.

<sup>46</sup> KÖSTENBERGER, *The Missions of Jesus and the Disciples*, p. 215.



de sua ira”.<sup>47</sup> É claro que este argumento faz suposições fundamentais sobre a gravidade da condição humana e a natureza do remédio. Uma das principais razões para a tendência de se afastar do foco na missão como fazer discípulos para definições mais amplas tem sido o abandono da crença nas conseqüências eternas da perda humana e na singularidade da obra de Cristo como o meio pelo qual os seres humanos são restaurados para o Pai. Sob essas condições, a ênfase necessariamente se afasta do espiritual e eterno para o físico e temporal. Isso não é para argumentar que todos aqueles que favorecem a missão em termos de ação social necessariamente raciocinam desta forma; no entanto, afirmamos que a perda dessas certezas doutrinárias sobre o pecado, o inferno e Cristo que promoveram o esforço missionário em gerações anteriores tem sido um fator importante tanto no nível popular quanto acadêmico em mudar as definições do que é missão.<sup>48</sup>

Terceiro, a missão pode ocorrer na ausência de ação social, mas nunca na ausência de discipulado. Fazer discípulos é o *sine qua non* da missão autenticamente cristã. É, afinal, o que Jesus explicitamente ordenou no final do seu ministério terreno, sobre o que o Novo Testamento dá testemunho abundante. Quando confrontados com a necessidade física e o sofrimento, os envolvidos na missão irão necessariamente procurar responder. No entanto, pode haver circunstâncias em que a ação social não é necessária. Além da exortação dirigida a Paulo pelos líderes de Jerusalém em Gálatas 2.10, há pouca evidência de que ele se envolveu em um ministério social entre aqueles a quem ele levou o evangelho. De fato, há evidências mais claras de que, por sua iniciativa, a ação social foi dirigida das novas igrejas para Jerusalém, o lugar de origem da missão da igreja – “o relativamente atrasado e pobre Israel”<sup>49</sup> – embora também possa ter havido razões teológicas para isso.<sup>50</sup>

É realmente impressionante que a missão da igreja do Novo Testamento, certamente dentro do Império Romano, geralmente passou de regiões mais pobres para as mais ricas, um padrão prestes a se repetir com as igrejas do Terceiro Mundo engajadas em missões.<sup>51</sup> “Os pobres do mundo são a grande força missionária do estágio atual da história das missões”.<sup>52</sup> Isso pode, por sua

<sup>47</sup> CHESTER, *Good News to the Poor*, p. 65; cf. p. 52. O livro de Tim Chester é excelente, mas ele provavelmente não concordaria com tudo o que estou argumentando aqui.

<sup>48</sup> Ver a discussão dessa questão em: GUTHRIE, Stan. *Missions in the Third Millennium: 21 Key Trends for the 21st Century*. Carlisle: Paternoster, 2005, p. 42-52.

<sup>49</sup> GOLDSMITH, Martin. *Get a Grip on Mission: The Challenge of a Changing World*. Leicester: IVP, 2006, p. 72.

<sup>50</sup> RAITER, ““Sent for this purpose””, p. 121-122.

<sup>51</sup> GOLDSMITH, *Get a Grip on Mission*, p. 72.

<sup>52</sup> ESCOBAR, Samuel. *A Time for Mission: The Challenge for Global Christianity*. Leicester: IVP, 2003, p. 64.

vez, sugerir que a ênfase na ação social como um aspecto integral da própria missão reflete um paradigma ultrapassado, segundo o qual a missão é realizada por igrejas ocidentais ricas entre os povos materialmente mais pobres. Em tais circunstâncias, a questão da responsabilidade cristã para com os necessitados materiais impõe-se necessariamente, pois os missionários relativamente ricos encontram pessoas que vivem em pobreza comparativa. No entanto, a questão não surge, ou não na mesma forma, quando a missão ocorre na direção oposta. Assim, à medida que cristãos de países asiáticos comparativamente pobres procuram trabalho como empregados domésticos em partes prósperas do Oriente Médio com a intenção (pelo menos em parte) de compartilhar o evangelho, é improvável que a ação social faça parte de sua agenda missionária, pelo menos não no sentido em que é concebida pelos missiólogos ocidentais.<sup>53</sup>

Em quarto lugar, a formação de discípulos de Jesus Cristo constitui em si mesma um passo importante para a mudança social e econômica. As causas da pobreza são complexas e controvertidas, e está além do âmbito desta discussão debatê-las. No entanto, um dos principais fatores contributivos é a cultura e, mais especificamente, a visão de mundo que lhe está subjacente. O significado da cultura para o bem-estar econômico tem sido cada vez mais reconhecido, e não apenas em um contexto cristão, embora também seja objeto de acalorado debate.

Um número crescente de acadêmicos, jornalistas, políticos e profissionais do desenvolvimento estão se concentrando no papel dos valores e atitudes culturais como facilitadores ou obstáculos ao progresso. Eles são os herdeiros intelectuais de Alexis de Tocqueville, que concluiu que o que fez o sistema político americano funcionar foi uma cultura congênita para a democracia; de Max Weber, que explicou a ascensão do capitalismo como essencialmente um fenômeno cultural enraizado na religião, e de Edward Banfield, que aclarou as raízes culturais da pobreza e do autoritarismo no sul da Itália, um caso com aplicação universal.<sup>54</sup>

Assim, o fatalismo, a crença na noção de bem limitado, a prevalência da corrupção e das atitudes que a promovem, o pensamento animista e a escravidão ao temor de poderes ocultos podem contribuir para uma visão de mundo que sustente a pobreza e a injustiça: “A pobreza física está enraizada em uma mentalidade de pobreza, um conjunto de ideias mantidas coletivamente que produzem certos comportamentos”<sup>55</sup> ou, mais sucintamente, “O subdesenvolvi-

<sup>53</sup> Cf. GOLDSMITH, *Get a Grip on Mission*, p. 77.

<sup>54</sup> “Introduction”. HARRISON, Lawrence E.; HUNTINGTON, Samuel P. (Eds.). *Culture Matters: How Values Shape Human Progress*. New York: Basic Books, 2000, p. xxi.

<sup>55</sup> MILLER, Darrow L. *Discipling Nations: The Power of Truth to Transform Cultures*. Seattle: YWAM Publishers, 1998, p. 67.

mento é um estado mental”.<sup>56</sup> Isso não nega a importância de outros elementos causais, incluindo estruturas comerciais injustas. No entanto, a pobreza resulta não só de fatores externos aos pobres e sobre os quais eles não têm controle, mas também de crenças poderosas, mas debilitantes, que moldam suas sociedades. Por conseguinte, é frequentemente pouco provável que as medidas destinadas a atenuar a pobreza produzam sucesso duradouro se não abordarem questões culturais críticas. No entanto, por sua natureza, o evangelho deve produzir uma mudança radical do ponto de vista do mundo que irá impactar positivamente a sociedade quando a verdade substitui a falsidade por meio da renovação das mentes (Rm 12.2). Escobar faz questão de discutir o impacto social do pentecostalismo sul-americano: “Eles [pentecostais] não têm uma agenda social, mas uma agenda espiritual intensa, e é através dessa agenda que eles têm sido capazes de ter um impacto social”.<sup>57</sup> Ele cita o veredito de Martin sobre o pentecostalismo:

Acima de tudo, renova a célula mais íntima da família e protege a mulher das devastações da deserção masculina e da violência. Uma nova fé é capaz de implantar novas disciplinas, reordenar prioridades, combater a corrupção e o machismo destrutivo, e reverter as hierarquias prejudiciais e indiferentes do mundo exterior.<sup>58</sup>

Mangalwadi faz uma consideração semelhante ao refletir sobre a abordagem de Carey aos males sociais na Índia:

Carey lutou contra males sociais específicos, assim como seus amigos na Inglaterra estavam continuando suas lutas contra outros males. Mas a confiança de Carey não estava depositada em seu protesto social ou ação social, mas no evangelho. Este é o oposto daqueles cristãos que colocam sua esperança de mudança em sua “ação social” ... [Carey] acreditou que se disciplinarmos nações, veremos cada vez mais a vontade de Deus sendo feita aqui na terra.<sup>59</sup>

A mudança social ocorre por meio daqueles que foram transformados pelo evangelho, por meio de comunidades transformadas do povo de Deus que se tornam sal e luz em suas sociedades. É fruto e não substância da missão. A comunicação do evangelho em sua riqueza é a “ação social” mais significativa que os missionários podem empreender.

<sup>56</sup> O título de ainda outro livro de HARRISON, Lawrence. *Underdevelopment is a State of Mind*. Lanham, Maryland: Madison Books, 2000.

<sup>57</sup> ESCOBAR, Samuel. “The Global Scenario at the Turn of the Century”. In: TAYLOR, William (Ed.). *Global Missiology for 21st Century: The Iguassu Dialogue*. Grand Rapids: Baker, 2001, p. 42.

<sup>58</sup> David Martin, citado por ESCOBAR, “The Global Scenario at the Turn of the Century”, p. 42.

<sup>59</sup> Vishal Mangalwadi, citado por MILLER, *Discipling the Nations*, p. 180-181.

## CONCLUSÃO

A questão da definição realmente importa? Pode-se, afinal, adotar uma definição ampla de missão, mantendo um lugar para a evangelização como uma dimensão dela – talvez a dimensão mais importante. Esta é a abordagem que muitos tomariam, incluindo Bosch, para quem o evangelismo permanece um elemento do paradigma de missão emergente.<sup>60</sup> Certamente a extensão do engajamento cristão com o mundo não se limita ao discipulado, mas inclui o envolvimento em todas as áreas da vida – tudo para a glória de Deus. O problema, no entanto, é que se a formação dos discípulos ficar subordinada sob uma categoria de missão que é muito mais ampla e muito mais abrangente, sua importância absoluta corre o risco de ser comprometida. Stott faz uma alusão a esta preocupação: “O principal medo dos meus críticos parece ser que os missionários serão desviados”.<sup>61</sup> No entanto, a questão é que as igrejas em geral perderiam de vista a importância primária de fazer discípulos e veriam essa atividade como simplesmente uma de muitas coisas que são chamadas a fazer. Ainda mais quando os meios de comunicação transmitem constantemente imagens angustiantes de refugiados em crise, de vítimas de conflitos, secas e doenças, que se apoderam da imaginação e exigem, com razão, uma resposta compassiva. No entanto, a perdição eterna daqueles que estão sem Deus e sem esperança não pode ser visualizada dessa forma, nem ser tão rapidamente sentida, embora na realidade o seu estado seja infinitamente – e isto em um sentido literal – muito mais grave. Existe o perigo da marginalização da formação de discípulos se a sua natureza distinta e única não for especificamente reconhecida e destacada como a grande obra do povo de Deus, a obra que só ele pode fazer. O medo de tal marginalização também não é meramente o reflexo de uma paranoia obsessiva, como a história demonstra:

Uma geração de menonitas acalentava o evangelho e acreditava que as implicações do evangelho estavam em certos compromissos sociais e políticos. A geração seguinte pressupôs o evangelho e enfatizou os compromissos sociais e políticos. A geração atual se identifica com os compromissos sociais e políticos, enquanto o evangelho é diversamente confessado ou renegado, já não estando no coração do sistema de crenças de alguns que se denominam menonitas.<sup>62</sup>

Os menonitas não estão sozinhos na deriva teológica. Há uma tendência para que a missão no sentido de discipulado seja obscurecida, até mesmo suprimida, por outras preocupações, e essa tendência é reforçada se for vista como simplesmente uma responsabilidade “missional” entre muitas outras. É claro

<sup>60</sup> BOSCH, *Transforming Mission*, p. 409.

<sup>61</sup> STOTT, *The Contemporary Christian*, p. 342.

<sup>62</sup> D. A. Carson, citando um líder menonita em TINKER, “Reversal or Betrayal?”, p. 271.

que o simples retorno a uma definição mais restrita de missão não é por si só susceptível de deter tal processo; de fato, a inflação do conceito é provavelmente mais um sintoma do que uma causa do que já está acontecendo por outras e mais profundas razões teológicas. No entanto, isto pode não acontecer se o conceito e a centralidade da missão à maneira apostólica forem mantidos, se a sua identidade distintiva for assegurada através de um vocabulário, de palavras específicas, que a nomeiam. É isto que se perde na atual confusão de definições. A resposta apropriada pode ser reafirmar em voz alta uma definição de missão como sendo fazer discípulos. Talvez mais realisticamente possa ser aceita a irreversibilidade do processo de “entropia lexical” e desenvolver novas expressões – missão apostólica possivelmente – para afirmar a responsabilidade primordial e incondicional da Igreja em fazer discípulos. A importância da questão dificilmente pode ser exagerada. O grande tema da Escritura é a missão redentora de Deus para chamar um povo para a sua própria glória, entre os quais ele vai morar. E aqueles que ele chama estão, por sua vez, envolvidos em missão como seus cooperadores no trabalho, fazendo discípulos de Jesus Cristo. A ambiguidades de definição não deve obscurecer a centralidade absoluta dessa tarefa vital.

#### **ABSTRACT**

The term mission has gained a breadth so wide to the point one cannot define exactly its meaning. The main protestant missiologist, David Bosch, affirms to be impossible to grasp its meaning by biblical exegesis, so it remains indefinable. At least four common definitions can be found, each varying in depth and breadth. (1) *Missio Dei*: everything God does in the world; (2) *Cultural Mandate*: everything God does through his church; (3) *Social Action*: evangelism and care for the needy side by side; (4) *Make disciples of all nations*.

#### **KEYWORDS**

Mission; David Bosch; Stephen Neill; Lausanne movement; Holistic mission.